

---

# #APOIEOBREQUEDOSAPPS: A REINVENÇÃO DA SOLIDARIEDADE ENTRE OS TRABALHADORES EM TEMPOS DE COVID-19

---

#APOIEOBREQUEDOSAPPS: THE REINVENTION OF SOLIDARITY BETWEEN WORKERS IN TIMES OF COVID-19

Regiane Cristina Tonatto<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5728-5284>

<http://lattes.cnpq.br/3565244234835424>

Gisele de Souza Gonçalves<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6723-9161>

<http://lattes.cnpq.br/4552554075626307>

Recebido em: 14 de outubro de 2020

Aprovado em: 14 de janeiro de 2021

**RESUMO:** Este artigo se motiva por debater ações de solidariedade que ocorreram em virtude da manifestação dos entregadores frente às condições de exploração e insegurança em que trabalham. Sua justificativa se deve ao que consideramos ser importante especialmente na pandemia, como as mobilizações de trabalhadores precários, no caso desta pesquisa, os entregadores de aplicativo de comida. A partir desta motivação, destacamos como metodologia apresentar fotos publicadas em redes sociais e discutir as ações pontuais que podem caracterizar atos de solidariedade, tendo como referência os textos de Paulo Freire. Assim, para alcançar nosso objetivo, destacamos três fotografias publicadas na internet, as quais nos possibilitaram refletir sobre as ações solidárias entre trabalhadores e o apoio durante atos políticos de manifestação. Para tal, utilizamos da semiologia, em especial da técnica de Roland Barthes, para a produção de sentidos a partir dos signos que a fotografia e os textos (título, legenda e artigos) podem oferecer. Podemos dizer que, entre as conclusões deste trabalho, ações solidárias parecem decorrer de uma percepção sobre o outro em situações específicas, como é comum identificar nos casos de estado de calamidade e, a partir disso, podem contribuir para o favorecimento do outro a quem se presta solidariedade, além de que, essas situações podem ainda oferecer reflexões sobre a desigualdade social e as relações de trabalho.

**Palavras-chave:** Pandemia. Resistência. Trabalho Precário. Solidariedade.

**ABSTRACT:** This article is motivated by debating solidarity actions that took place due

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestra em Sociedade, Cultura e Fronteiras pelo mesmo programa. Possui especialização em Educação e é graduada em Pedagogia. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Integrante do Grupo de Pesquisa em Políticas de Ação Educativa, Avaliação, Mídias e Formação de Professores/as (PAMFOR). E-mail: regitonatto2@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestra em Sociedade, Cultura e Fronteiras pelo mesmo programa. Especialista em Linguagem, Cultura e Ensino. Graduada em Letras Português e Espanhol. Professora da rede municipal de Foz do Iguaçu. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estado, Sociedade, Trabalho e Educação (GPESTE). E-mail: giselesouzag@hotmail.com.

to the manifestation of the deliverymen in view of the conditions of exploitation and insecurity in which they work. Its justification is due to what we consider to be important especially in the pandemic, such as the mobilization of precarious workers, in the case of this research, the deliverymen of food by app. Based on this motivation, we highlight as a methodology to present photos published on social networks and discuss specific actions that can characterize acts of solidarity, having as reference the texts of Paulo Freire. Thus, to achieve our goal, we highlight three photographs published on the internet, as which enabled us to reflect on the solidarity actions among workers and the support during political demonstration acts. For this, we use semiology, especially Roland Barthes' technique, to produce meanings based on the signs that photography and texts (title, caption and articles) can offer. We can say that, among the conclusions of this work, solidarity actions result from a perception of the other in specific situations, as it is common to identify in cases of calamity and, from that, they can contribute to the favoring of the other to whom solidarity is rendered, besides, these situations can still offer thought on social inequality and labor relations.

**Keywords:** Pandemic. Endurance. Precarious Work. Solidarity.

Socorro, alguma alma, mesmo que penada,  
 Me empreste suas penas.  
 Já não sinto amor nem dor,  
 Já não sinto nada.  
 Socorro, alguém me dê um coração,  
 Que esse já não bate nem apanha.  
 Por favor, uma emoção pequena,  
 Qualquer coisa.  
 Qualquer coisa que se sinta,  
 Tem tantos sentimentos, deve ter algum que sirva.

Composição: Alice Ruiz Schneronk / Arnaldo Filho<sup>3</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Quantos sentimentos ainda serão vividos e experimentados pela primeira vez nesse momento pandêmico? Qual deles nos serviria para expressar tanto sofrimento diante das perdas irreparáveis? Todos os dias, os noticiários nos apresentam terríveis números e estatísticas, alguns rostos e poucas histórias. Ao mesmo tempo, uma frase comum se repete mundialmente: “a economia não pode parar”.

“Socorro, alguém me dê um coração”, estaríamos nos acostumando com a perda e com a dor? Nesse tempo, quantas vezes assistimos a coberturas jornalísticas permeadas de fortes emoções, mas também de sensacionalismo. Estaríamos vendo o outro com responsabilidade? A velocidade de contágio e o número de mortes comovem profissionais da saúde já habituados com a morte, abalam a própria ciência e os cientistas e produzem fissuras nas diversas estruturas da sociedade: na família, no trabalho, na escola, nas instituições religiosas, na comunidade, etc.

Parece quase um clichê da atualidade: a pandemia do novo coronavírus veio evidenciar as desigualdades que já existiam. Mas a partir do momento em que estas se destacam, o que muda

<sup>3</sup> Letra de Socorro © Warner Chappell Music, Inc, Warner Chappell Music Inc.

em nós? Talvez a solidariedade fique mais nítida, ou não. O que temos vivido e que, em menos de um ano, pudemos perceber?

Neste artigo, temos a intenção de expor algumas situações deste momento de pandemia - utilizando fotografias, publicadas na internet, que destacam mobilizações de trabalhadores, cujas condições de trabalho são precárias - e buscar discuti-las a partir do conceito de solidariedade, pautada na perspectiva freireana.

Há opressão neste momento? Há solidariedade? Onde? Entre quais sujeitos? No trabalho, na família, na escola? Em cada espaço citado podemos destacar um sujeito em questão, cujas atividades são essenciais na pandemia: o entregador de comida via aplicativo. Suas condições de trabalho motivaram registros fotográficos de todos os lugares do país, os quais ganharam espaço e notoriedade nas redes sociais, o que nos fez escolher algumas a fim de abordar aqui tal discussão a partir de fatos noticiados e imagens disponibilizadas na internet.

Assim, usamos três fotografias, as quais estavam disponíveis em um site de notícias e no Instagram, para realizar uma reflexão teórico-prática sobre a experiência humana de ver o outro e se solidarizar, num momento inédito da história do mundo.

Sabemos que, provavelmente, quando estas fontes visuais foram utilizadas, existia a intenção de registrar cenas do cotidiano brasileiro em meio à pandemia por COVID-19 e publicá-las para conhecimento de seus seguidores. Neste sentido, a fotografia, para a historiadora Mary Del Priore (2008), pode ser considerada um registro plural e suas abordagens podem ser múltiplas.

Assim, uma simples imagem pode carregar uma mensagem importante. Pode nos fazer repensar as relações humanas durante a crise e nos dar a oportunidade de compreender os diferentes significados que damos ao estado de solidariedade e alteridade, como mostraremos no desenvolvimento deste artigo a partir das reflexões acerca das fotografias selecionadas. Numa sociedade permeada por artefatos midiáticos, analisá-los pode ser uma importante maneira de buscar compreender as narrativas deste momento vivido. Pensando nisso, recorreremos aos estudos da semiologia, em particular de Roland Barthes (1915-1980).

Todavia, antes disso, se faz necessário apresentar, de forma breve, o que entendemos por trabalho precário e solidariedade, a fim de contribuir mais adiante com a análise das imagens e dos textos. Pois, o trabalho precário nos parece muito presente há bastante tempo em nosso país e, com ele, situações que impossibilitam condições de qualidade de vida ao trabalhador e, conseqüentemente, sua família, como será apresentado no desenvolvimento deste artigo. Quanto ao conceito de solidariedade, a partir de reflexões freireanas, entendemos como o ato reflexivo de perceber a necessidade do outro em relação a condições dignas de vida, percebendo as relações sociais e coletivas dessa dignidade ou de sua ausência, para assim agir de maneira crítica para além do assistencialismo.

## 2. O TRABALHO PRECÁRIO

Ao vermos determinadas fotografias que retratam o trabalho precário dos entregadores via aplicativo **delivery** de comida, podemos fazer várias interpretações a respeito do trabalhador, do trabalho precário, dos consumidores e da pandemia. Porém, aqui já delimitamos nossos objetivos - apresentar fotos publicadas em redes sociais e discutir as ações pontuais que podem caracterizar atos de solidariedade -, tendo como objeto as ações de solidariedade que emergiram em função de manifestações desses entregadores.

Para desenvolver esta análise, vamos destacar alguns estudos sobre o trabalho precário que, segundo o sociólogo norueguês Arne L. Kalleberg, é consequência da expansão do processo de globalização:

O trabalho precário nas últimas décadas é o resultado do crescimento da globalização (interdependência econômica e seus correlatos, tais como maior comércio internacional e movimento acelerado de capital, produção e trabalho) e da expansão do neoliberalismo (uma ideologia que implica desregulação, privatização e remoção de proteções sociais). Essas mudanças são acarretadas por mudanças tecnológicas, tais como computadorização, digitalização e avanços em tecnologia de informação, que possibilitam muitos dos aspectos da globalização. Em muitos países, houve também um decréscimo geral dos sindicatos e um crescimento do individualismo. Todos esses fatores vêm contribuindo para um aumento do trabalho precário. (KALLEBERG, 2009, p.22).

Para Kalleberg, o trabalho precário é um fenômeno mundial, em que “aspectos mais problemáticos diferem em cada país, dependendo de seu estágio de desenvolvimento, instituições sociais, culturas e outras diferenças nacionais” (KALLEBERG, 2009, p.24). Ao relatar as causas desse trabalho precário advindas do crescimento da globalização, o autor apresenta na teoria de sua pesquisa aquilo que temos percebido no Brasil: aumento do trabalho e da produção motivada pelo consumismo exacerbado e diminuição e/ou perda de direitos trabalhistas em uma época em o mercado digital ganha significativa importância. Para compreendermos os aspectos mais específicos dos trabalhadores de que trata este artigo, destacamos a pesquisa de Vitor Araújo Filgueiras e Sara Costa Pedreira, os quais explicam as condições de trabalho desses entregadores de comida:

Os entregadores submetem-se a jornadas diárias de mais de 10 horas, durante todos os dias da semana, e auferem menos que o proporcional ao salário mínimo. Isso caracteriza não eventualidade e onerosidade, uma vez que as empresas repassam a remuneração, semanal ou quinzenalmente, por débito em conta. (FILGUEIRAS; PEDREIRAS, 2019, p.599).

Os autores acrescentam ainda sobre a condição que leva o trabalhador de que falamos a sujeitar-se às condições deste trabalho:

O entregador que se submete a tais condições de emprego está inserido em um contexto já precário do mercado de trabalho, onde, por não encontrar alternativa para sobreviver, lança-se sobre a oportunidade de ocupação através desses trabalhos por aplicativo (FILGUEIRAS; PEDREIRAS, 2019, p.602).

A submissão deste sujeito cujo trabalho é precário, pesquisado por Vitor Araújo Filgueiras e Sara Costa Pedreira, mostra as consequências do crescimento da globalização citado por Arne L. Kalleberg. O conjunto de mudanças que compreende a globalização proporcionou a este trabalhador poucas condições para que se sustentasse ou se quer encontrasse um emprego que lhe permitisse qualidade de vida satisfatória, e, com a pandemia, tal situação já precária só aumenta a possibilidade de exploração de seu trabalho, pois há poucas opções de trabalho que possam atender a suas condições atuais - escolaridade, experiência profissional e necessidade. Assim, trabalham mais de 8 horas diárias, durante toda a semana e recebem menos do que um salário mínimo.

Destacamos ainda um trecho do artigo de Filgueiras e Pedreira, a fim de acrescentar sobre a ideia que motiva persuasivamente a muitos sobre uma falsa ideia de meritocracia:

O uso das tecnologias da informação para a gestão do trabalho engendra uma aparente democratização dos meios de produção (basta ter um computador, carro ou mesmo bicicleta) para a produção “autônoma” de renda, seja como criador, seja com parceiro de uma startup: agora, mais do que nunca, seu sucesso “só depende de você” ( (FILGUEIRAS; PEDREIRAS, 2019, p. 605, grifos dos autores).

Esta produção autônoma de renda nada mais é do que a transferência de mais responsabilidades aos trabalhadores, com cada vez menos direitos e mais atribuições. Tais condições levam ao que temos visto: o trabalho precário alcançando cada vez mais sujeitos.

Como os autores comentam em suas pesquisas, o trabalho precário antecede o período pandêmico, porém, como seguiremos nas discussões deste artigo, as situações dos trabalhadores aqui apresentadas ganham destaque quanto ao olhar de fotógrafos e a reação de usuários da internet que têm acesso às notícias e fotografias sobre as manifestações que denunciam este trabalho precário especialmente em meados de 2020.

### 3. SOLIDARIEDADE COMO COMUNHÃO

Paulo Freire (1921-1997), importante intelectual e Patrono da Educação no Brasil, tinha em mente, desde o início de seus estudos, que a transformação político-social dependia da compreensão de ser humano enquanto fazedor da história, autor e responsável por suas próprias decisões (FREIRE, 1996). Sua esperança, no que diz respeito aos seres humanos e suas relações com outrem e a natureza, dependia da junção da solidariedade e da amorosidade.

No “Dicionário Paulo Freire”, Telmo Adams comenta que “para o autor há formas distintas de solidariedade que são condicionadas pelo contexto sócio-histórico” (ADAMS, 2019, p. 439). Adams aprofunda a discussão sobre o conceito de solidariedade:

Na estrutura econômica que se formou sob o domínio do trabalho escravo, as disposições mentais e de relações humanas desenvolvidas resultaram, obviamente, em formas de solidariedade privadas. As condições culturais não foram favoráveis para desenvolver uma solidariedade política, uma solidariedade intrinsecamente relacionada com uma cultura do público, sem submissões e mutismos, ajustamentos e acomodações. Essa solidariedade política e social é resultado de um processo educativo de desenvolvimento de disposições e exercício prático de participação, de diálogo com responsabilidade e que combina com uma sociedade radicalmente democrática (ADAMS, 2019, p. 439).

Em nossa estrutura econômica, a solidariedade política e social parece estar distante, porém, neste período de desigualdades descortinadas, alguns movimentos de resistência favoreceram a ampliação deste conceito para além da solidariedade individual como veremos aqui.

Para Sabrina Fernandes (2016), mesmo que Freire não falasse em solidariedade como uma categoria teórica, seu trabalho indicava a presença dela e sua relevância para a pedagogia crítica, principalmente “a forma como os processos transformadores de conscientização e práxis libertadora estão ligados à solidariedade e à superação da lógica binária da opressão através de uma visão dialética do oprimido e opressor” (p. 483).



Mas, solidariedade para Freire tinha uma conotação mais profunda que “generosidade que se nutre da morte, do desalento e da miséria” (FREIRE, 2019, p. 42). Ao contrário, tinha a ver com a luta coletiva como um ato de amor, ou seja, a comunhão entre aqueles que lutam juntos contra as diferentes formas de opressão e buscam força nesta unidade.

De qualquer forma, o ato de solidariedade “requer ousadia (e amor para com a humanidade) por parte dos oprimidos envolvidos na mudança da realidade, mas também envolve elementos conscientes fundamentados na reflexão crítica sobre o mundo” (FERNANDES, 2016, p. 485). Neste sentido, esta resignificação dos conceitos de solidariedade e comunhão, originário do amor, pode se traduzir, por meio da perspectiva freireana, como a própria ideia de revolução dos oprimidos.

#### 4. ANÁLISE DAS IMAGENS E TEXTOS

A partir dos estudos de análise da Fotografia e semiótica de Roland Barthes, procuramos analisar três fotografias disponíveis na **Web** relacionadas às ações de solidariedade entre trabalhadores durante as manifestações de entregadores de aplicativo. Analisamos de forma particular considerando o estado pandêmico, os signos e significantes contidos nas imagens e nos textos (títulos, legendas e artigos), para chegarmos à conotação e ao conteúdo.

A escolha por Ronald Barthes se deu por acreditarmos que o projeto semiótico barthesiano poderia interligar o explícito e o implícito na análise das imagens e textos de uma maneira sensível ao contexto sociopolítico e histórico, pois a realidade sobre o momento vivido poderia produzir outros sentidos sobre o signo.

A partir de uma linguagem poética, Barthes demonstra a necessidade da percepção e sensibilidade para ler o conteúdo imagético subjetivo da fotografia e todos os outros fatores intrínsecos a ela. Segundo Rodrigo Fontanari (2014, p.10), a melhor forma de entender Barthes é compreender o conceito “**punctum**”, derivado do latim **pungere**, picar. No sentido simbólico “É quando a imagem clareia, torna-se transparente ao olhar, mergulha num abismo profundo, que o enquadramento da imagem é proposto. É quando, então, a imagem se oferece ao mundo da sensibilidade, do afeto”.

Dessa forma, “para Barthes, a fotografia é uma emanção do objeto e, assim, a imagem e o objeto guardam entre si uma profunda relação” (idem, p.10). Desta forma, utilizamos as fotografias como ponto de partida para a discutir a solidariedade ou ações solidárias entre os trabalhadores no ano de 2020. Para isto, não utilizamos somente as fotografias selecionadas, mas a somatória delas com os textos contidos nas matérias. Pois, conforme Stuart Hall, Roland Barthes afirmava que “frequentemente, é a legenda que seleciona um dos muitos possíveis significados da imagem e **estabelece-o** com palavras.” (2016, p. 144, grifo do autor).

E assim, por meio da presente análise, buscamos entender o tema da solidariedade entre os trabalhadores em tempo de Covid, proposto para este artigo.

#### 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO: IMAGENS, SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Iniciamos esta análise, considerando a metodologia adotada, o trabalho precário e o que compreendemos pela solidariedade a partir de Paulo Freire, a fim de relacionar foto, contexto e ação. Assim, destacamos o excerto de Lúcia Santaella e Winfried Nöth para evidenciar a

relevância daquilo que compreende a fotografia:

Como qualquer outro tipo de imagem, a fotografia é um signo, sendo portanto, na sua referência àquilo que está fora dela e que ela registra, um duplo. Qualquer signo, por sua própria natureza, na sua relação com aquilo que é por ele indicado ou que está nele representado, é um duplo (SANTANELLA; NÖTH, 2012, p.134).

Este duplo de que os autores falam, entendemos como o ato e o fato: o ato registrado e o fato que leva o sujeito a registrar tal ato. O que nos leva a entender uma ação de solidariedade: evidenciar as condições de trabalho precário em que entregadores de comida via aplicativos têm vivido. Fato que está mais visível durante a pandemia, mas, que de acordo com autores que pesquisam sobre o tema - trabalho precário -, já é recorrente desde antes dela.

Para iniciar este debate, vale destacar uma imagem (Figura 1) que viralizou nas redes sociais e também em sites de notícias: um jovem de bicicleta fazendo entregas com a filha de 4 anos na garupa. Quando pensamos nestes trabalhadores para abordar as desigualdades da pandemia e a solidariedade que tal condição ocasiona, partimos, especificamente, das relações que estão ligadas: trabalho, família e escola. A fotografia que segue pode sugerir as seguintes questões: Em que condições está uma família em que um jovem se sujeita a trabalhar no trânsito como entregador de aplicativo de comida, levando a filha a este ambiente? E sendo ele jovem, terá tido oportunidade de estudar ou continuar seus estudos em plena pandemia? Terá condições - econômicas, emocionais, físicas - para acompanhar as atividades remotas propostas às crianças, considerando que, a partir de 4 anos, há a obrigatoriedade do ensino?

Percebemos aqui a existência de condições precárias de vida de uma família, cujo um dos membros se submete a um trabalho precário para sobreviver - o que nos faz pensar sobre que trabalho precário estava sendo realizado antes da pandemia, mas que não surpreendeu a fotógrafos e seguidores destes em momentos anteriores.

Isso porque temos o hábito de naturalizar as consequências da globalização, as quais estão muito mais visíveis neste período pandêmico, já que o mesmo proporcionou certa sensibilidade para percebermos a desigualdade social em que vivemos.

Tal condição levou a uma atitude solidária: a realização de uma doação conjunta de internautas, a qual contribuiu com o trabalhador que faz planos de construir a casa própria. Mas esta ação nos faz pensar em outra muito mais complexa: é preciso muito mais que doações espontâneas para que outros trabalhadores possam ter seus direitos garantidos e obter condições adequadas de sobrevivência que garantam a qualidade de vida sua e da família. Assim, damos continuidade ao debate proposto, abordando as atuais condições deste trabalhador e duas outras manifestações coletivas que o apoiaram.

Figura 1 – Entregador que trabalha com a filha na garupa



Fonte: Jornal Extra, 2020.<sup>4</sup>

A matéria do site de notícias Extra Classe explica o movimento e o contexto em que as manifestações começam:

Em meio à pandemia e às rotinas impostas pelas medidas de afastamento social, os serviços de entrega se tornaram gênero de primeira necessidade. Não tardou para que movimentos reivindicatórios dos trabalhadores desse setor pipocassem pelas grandes capitais brasileiras e resultassem nas primeiras greves e tentativas de organização. (FRAGA, 2020).

A segunda imagem (Figura 2), de 06 de julho de 2020, foi publicada pelo @movimento-semterra, com a seguinte descrição: “MST se solidariza com entregadores em paralisação e realiza a doação de alimentos em Recife (PE)”.

Para Ronald Barthes, “a fotografia da imprensa é uma mensagem” (BARTHES, 1990, p. 11). Mesmo ela sendo o centro, outros elementos existirão para transmitir a informação. Dito isso, haverá aqueles responsáveis pela intitulação da matéria, aqueles que se dedicarão à legenda, enfim, vários recursos do jornalismo, o que é importante ter em mente aqui é que “a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; ela comunica pelo menos com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo)” (idem). Por isso, a necessidade de analisar a totalidade da informação.

Figura 2 – Doação de alimentos aos trabalhadores de aplicativos de entregas de mercadoria



Fonte: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2020.<sup>5</sup>

A solidarização com os entregadores se deu, em grande parte, pelo fato de suas condições

<sup>4</sup> Disponível no Perfil Pessoal de @alessandromedeiros146.

<sup>5</sup> Disponível no Perfil Oficial do @movimentosemterra. Crédito da foto: PH Reiaux.



precárias de trabalho em um momento em que ocorre uma pandemia e todos corremos risco de contrair a doença COVID 19 que ainda está em estudo em relação às suas consequências. Como em muitos municípios e estados houve normas de prevenção para evitar o contágio numa proporção em que o sistema de saúde não pudesse atender adequadamente a todos - o que ocorreu em várias cidades do país -, apenas as atividades econômicas essenciais foram permitidas por um período, a entrega de comida foi mais solicitada em virtude de manter quarentena. Assim, esses trabalhadores explorados pelos aplicativos passam a ser cada vez mais essenciais.

Porém, em virtude das condições desse trabalho precário, houve um movimento chamado “BrequeDosApps”, o qual teve datas de paralisação no mês de julho deste ano, entre eles dia 1º e dia 25, este último correspondia a um sábado, um dos dias em que mais são solicitadas entregas de comida. Os entregadores de aplicativo pararam para exigir melhor remuneração e melhores condições de segurança.

É preocupante, como sociedade, que foi necessária uma pandemia para destacar as péssimas condições de trabalho deste grupo, cabe aqui uma reflexão de Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido”: “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 2019, 58). O fato é que esta situação objetiva de opressão chegou a um ápice em que o próprio grupo e parte da sociedade civil - via redes sociais com a #BrequeDosApps de apoio ao movimento e publicação de fotos que evidenciam tais condições - passa a questionar e exigir tais direitos.

Além das mobilizações desses trabalhadores, outros grupos passaram a se solidarizar com a questão, entre eles o MST (Movimento de Trabalhadores Sem Terra), que tem realizado inúmeras doações de alimentos por todo o país. A doação de alimentos aos entregadores (Figura 2) foi realizada no dia 04 de julho, em Recife.

Nesta imagem, podemos refletir sobre um gesto individual que se torna coletivo entre os trabalhadores. Freire observou justamente este tipo de solidariedade, em busca de transformação da realidade objetiva e da mudança social. O ser humano solidariza-se e se reconhece em função da vocação à humanização, mas é na ação que se concretiza a solidariedade verdadeira. “Somente na solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica” (FREIRE, 2019, p. 52). Ademais, alerta para o fato de que a realidade opressora é funcionalmente domesticadora e exige a inserção crítica dos oprimidos.

Por isso, “Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. É por isso que só através da práxis autêntica que, não sendo “blá-blá-blá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo” (ibidem).

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos-sociais. (FREIRE, 2019, 128).

Para além, em “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire (2013) nos traz a ideia de que a esperança é uma necessidade ontológica, ligada ao poder transformador da realidade. Pois, enquanto existirem sujeitos desprovidos de poder para a mudança, tudo permanecerá no mesmo lugar. Por isso, nesta obra, dedica-se a apresentar o que ele precisou reaprender ao longo dos anos de luta e militância. Fala ainda, da reto-

mada às aprendizagens óbvias, como a “unidade na diversidade” que necessita existir efetivamente para enfrentar as premissas dos poderosos, por exemplo, diante da estratégia “dividir para reinar”, conforme o trecho a seguir:

[...] estou convencido de que quanto mais às chamadas minorias se assumam como tais e se fechem umas às outras tanto melhor dorme a única e real minoria, a classe dominante. Em todas as épocas, o poder, entre muitos direitos que se outorga, sempre teve como condição intrínseca a si mesmo, o direito de perfilar, de descrever quem não tem poder. E o perfil que os poderosos fazem dos a quem falta poder, ao ser encarnado por eles ou elas, obviamente reforça o poder dos que o têm e em razão de que perfilam. Os colonizados jamais poderiam ser vistos e perfilados pelos colonizadores como povos cultos, capazes, inteligentes, imaginativos, dignos de sua liberdade, produtores de uma linguagem que, por ser linguagem, marcha e muda e cresce histórico-socialmente. Pelo contrário, os colonizados são bárbaros, incultos, ‘a-históricos’, até a chegada dos colonizadores que lhes ‘trazem’ a história. Falam dialetos fadados a jamais expressar a ‘verdade da ciência’, ‘os mistérios da transcendência’ e a ‘boniteza do mundo’. (FREIRE, 2013, p. 78, grifos do autor).

Na contemporaneidade, temos acesso a mais e mais histórias, dos conhecidos e dos desconhecidos, principalmente a partir das redes sociais. Além disso, acreditamos que todos nós, poderosos ou não, ricos ou não, jovens ou não, de alguma forma, sempre fomos influenciados e influenciadores por meio das mensagens do mundo, mas com as possibilidades do mundo digital, estas podem espalhar-se em segundos, ou seja, o alcance desta influência é ilimitado. Por outro lado, podemos nos manter indiferentes a elas, de certa forma, ainda sim, pode existir a distância. Pois, **“Já não sinto amor nem dor / Já não sinto nada”**.

Para Mary Del Priore (2001, p. 69): “Não adianta trocar de canais: a mensagem é sempre a mesma. Não sentir, não falar ou falar com indiferença do que não nos toca jamais.” Então, teríamos mais um dispositivo para nos acostumar. Nos acostumar com o sofrimento diário, com a perda de anônimos, com a solidariedade individual e com o discurso das possibilidades de ascensão social e econômica de um ou de outro sujeito por meio do esforço singular. Ao mesmo tempo, esta historiadora nos chama atenção pelo fato de que o mundo mudou, de que as fronteiras agora são imprecisas, de que antigos laços podem ser refeitos de outras formas e de que as solidariedades podem ser reinventadas ou atualizadas.

Diferentemente de ações que possuem entre os objetivos o assistencialismo, Freire fala da solidariedade como comunhão e nos alerta com relação à “falsa generosidade” de quem oprime. Para ele, “Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente” (FREIRE, 2019, p. 41-42, grifos do autor). Solidarizar-se, verdadeiramente, exigiria uma atitude radical, segundo o autor (idem), primeiro por ver o oprimido como ser concreto e não abstrato, e segundo, por assumir a situação de com quem se solidarizou, reconhecendo privilégios, injustiças e desigualdades. É quando a ação provém de um ato de amor de quem decidiu lutar pela transformação e pela humanização.

A terceira foto (Figura 3) corresponde à ação de apoio do SIMESP (Sindicato dos Médicos de São Paulo) à Paralisação Nacional de Entregadores de Aplicativos, que aconteceu no dia 1º de julho deste ano. Os representantes do sindicato, na manifestação, distribuíram álcool em gel a fim de garantir a segurança dos manifestantes.

Figura 3 – Distribuição de álcool em gel pelos trabalhadores do SIMESP



Fonte: SIMESP, 2020<sup>6</sup>.

As relações entre os trabalhadores que buscam a luta por seus direitos começam a se destacar no momento da pandemia: camponeses, médicos e entregadores, independentemente do espaço em que ocupam, apoiam-se de alguma forma, oferecendo como doação um elemento que identifica sua profissão: médicos ofertam álcool em gel, a fim de colaborar com um produto para higiene e, conseqüentemente, proteção dos entregadores; agricultores do MST ofertam alimentos, resultado de seu trabalho no campo. A solidariedade apresenta-se em sua práxis autêntica, especialmente neste momento em que a maior proteção contra o vírus é permanecer em casa. Estes trabalhadores estão na rua: lutando por condições melhores e apoiando a causa daqueles que se manifestam contra a opressão. Esta que por muito tempo foi naturalizada:

Uma das eficácias de sua ideologia fatalista é convencer os prejudicados das economias submetidas de que a realidade é assim mesmo, de que não há nada a fazer mas seguir a ordem natural dos fatos. Pois é como algo natural ou quase natural que a ideologia liberal se esforça por nos fazer entender a globalização e não como uma produção histórica. (FREIRE, 1996, p. 127).

A situação atual mostra que a realidade não pode mesmo ser assim e que estes fatos não são naturais, por mais que a ideologia fatalista continue na consciência de muitas pessoas, algumas começam a ver as injustiças e precárias condições de outros, o que as leva a apoiar o grupo em questão e, inclusive, questionar a sua própria condição.

O que de fato é importante para o ser humano? Qual a importância de seu trabalho para a sociedade e qual a valorização deste para a mesma? Estas questões talvez estejam sendo construídas por meio destas ações de solidariedade para com outros trabalhadores e para si. A solidariedade é também uma forma de reflexão.

Na pandemia, as desigualdades se destacam e também a insegurança pelas condições de trabalho: os profissionais de saúde são aqueles que estão na linha de frente no combate direto ao vírus; os agricultores do MST - frente ao contexto político e econômico atual - enfrentam ações violentas e tentativas de deslegitimar seu trabalho na terra com riscos de despejos justamente em uma época de pandemia; os entregadores de aplicativo de comida sofrem com a exploração de seu trabalho em relação ao tempo e remuneração. O que nos remete novamente a Paulo Freire quando ele explica que “na existência dos homens o **aqui** não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (FREIRE, 2019, p.124, grifos do autor). Em

<sup>6</sup> Disponível no Perfil Oficial do @simesp\_medicos.

meio a essas distintas realidades, a solidariedade persiste e constrói formas de contribuir e apoiar os trabalhadores em paralisação. A alteridade acontece nesses momentos em que distintos sujeitos se identificam por uma causa: a qualidade de vida que favoreça a manutenção desta em tempos de pandemia.

O entregador de aplicativo de comida mostra sua condição que passa a ser inaceitável, o que causa esse movimento a favor de dignidade nos homens e nas mulheres, de acordo com Paulo Freire, se explica “porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um ‘corpo consciente’, vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (FREIRE, 2019, p. 125, grifos do autor). Tais condicionamentos limitam a liberdade de escolher, como, por exemplo, o condicionamento ao trabalho em condições de periculosidade que leva o pai a expor a filha de 4 anos na garupa de uma bicicleta com a qual trabalha porque não havia com quem ou onde deixá-la. Ele teve liberdade de escolher? Tal circunstância, assim como tantas outras que têm sido divulgadas em relação a estes trabalhadores nos leva a entender o que Freire diz ser “situações-limite” - “geradoras de um clima de desesperança” -, as quais são superadas “no momento em que a percepção crítica se instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a se empenharem na superação das ‘situações-limite’” (idem, p. 125-6, grifos do autor).

O fato de pessoas decidirem ajudar o entregador que levou a filha na garupa pode ser um sinal de esperança e confiança para quem assiste a tudo isso, porém o fato de - como grupo de trabalhadores unidos - os entregadores decidirem parar e manifestar-se nos parece sim uma percepção crítica de sua condição, a qual desenvolveu o clima de esperança entre os demais apoiadores deste grupo, cuja solidariedade se manifesta: doações para um pai e sua família; doações de alimentos produzidos por outros trabalhadores essenciais aos manifestantes; distribuição de álcool em gel por outros trabalhadores também vulneráveis neste momento; registros de fotografos que destacam as condições desse grupo; apoio da comunidade civil nas redes sociais.

Solidarizar-se faz a diferença no mundo, solidarizar-se com a condição do outro numa percepção que vai além do “agora” pode favorecer as ações de todos nós nesta pandemia. Aqui não queremos romantizar a pobreza e a exploração do trabalho, mas discutir como os fatos atuais relacionados à realidade dos entregadores de aplicativo de comida e as ações feitas para o apoio a este grupo podem favorecer um clima de esperança em plena a pandemia, afinal a humanidade não esqueceu o que é solidariedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações solidárias parecem decorrer de uma percepção sobre o outro e, a partir disso, contribuir para o favorecimento do outro a quem se presta solidariedade. A pandemia trouxe à tona situações que antes nos pareciam despercebidas, como a naturalização da exploração de pessoas em vulnerabilidade, afinal as populações mais pobres acabam se sujeitando a condições de trabalho precárias. Tais condições possibilitam a reflexão sobre nós e o outro, sobre a hipótese de estar naquele lugar e como podemos alterar de alguma forma esta situação em favor de uma vida melhor ao outro e, conseqüentemente, um ambiente coletivo mais adequado para as pessoas. Dessa forma, ações são iniciadas numa forma de solidarizar-se e apoiar a causa de um grupo visivelmente desfavorecido. Cabe a nós, além de nos solidarizar, pensarmos sobre nossos hábitos e suas conseqüências, se pudermos agir solidariamente e pensar na coletividade,

sem dúvida, teremos uma sociedade melhor do que a atual.

Nosso propósito não foi julgar as ações de solidariedade em meio à pandemia, mas, de certa maneira, diferenciá-las do que poderíamos chamar de assistencialismo. Neste estudo, nossa pretensão era evidenciar justamente o oposto, aquelas ações ou intenções que podem ou poderiam, a partir da reflexão e da consciência entre os pares, transformar-se em comunhão de trabalhadores na luta pela recuperação da humanidade e na libertação de si e dos outros diante das atuais opressões, destacando como, no período pandêmico, muitas situações de trabalho precário se descortinam e também nos fazem agir de maneira solidária, porém a pandemia continua, assim como tais situações.

Evidenciá-las nas redes sociais e na produção acadêmica é um começo, mas que este não se limite a um recorte que compreende a pandemia, que essa mobilização atinja nossos atos e hábitos agora e além de qualquer quarentena. Há pesquisadores avaliando e planejando modelos que ofereçam oportunidades adequadas de trabalho considerando a era digital, como é o caso do cooperativismo de plataforma<sup>7</sup>. Cabe aqui a nossa reflexão: que as atitudes solidárias se concretizem para além de ações pontuais - as quais nos motivam e dão esperança - e nos ofereçam momentos de ações que questionem o trabalho precário e possibilidades de, como sociedade, superá-lo por meio da solidariedade reflexiva e coletiva.

Quero dizer com isso que a história  
não nos faz a tarefa tão fácil como nas revoluções burguesas,  
em que bastava derrubar o poder oficial no centro e  
substituí-lo por alguns homens, ou por dúzias de homens novos.  
Precisamos trabalhar de baixo para cima,  
o que corresponde precisamente ao caráter da massa  
da nossa revolução,  
cujos objetivos visam aos fundamentos,  
ao solo da constituição social,  
o que corresponde ao caráter da atual revolução proletária;  
devemos conquistar o poder político  
não por cima, mas por baixo.  
**Rosa Luxemburgo**

Ata do Congresso de fundação do  
Partido Comunista Alemão  
De 30 de dezembro de 1918 a 1º de janeiro de 1919.<sup>8</sup>

## REFERÊNCIAS

ADAMS, T. Solidariedade. In **Dicionário Paulo Freire**/Danilo R. Streck. Euclides Redin, Jaime José Zitkoski (orgs.); coordenação geral Danilo R. Streck. 4ª ed.rev.amp.; 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova

<sup>7</sup> Cf. GROHMANN, Rafael e ZANATTA, Rafael. **Cooperativismo de plataforma**: quais as possibilidades. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2020/Cooperativismo-de-plataforma-quais-as-possibilidades>.

<sup>8</sup> Cf. LOREIRO, Isabel (Org.). **Rosa Luxemburgo e o protagonismo das lutas de massa**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.



- Fronteira, 1990. pp.11-25.
- DEL PRIORE, Mary. A fotografia como objeto da memória. In: SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação**. Brasília: MEC, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.
- METRÓPOLES. **Entregador que trabalha com filha na garupa recebe doações**. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/entregador-que-trabalha-com-filha-na-garupa-recebe-doacoes>. Acesso em 25/08/2020, às 18h57.
- FERNANDES, Sabrina. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão, e revolução. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 481-496, junho de 2016.
- FILGUEIRAS, Vitor Araújo; PEDREIRA, Sara Costa. Trabalho descartável: as mudanças nas formas de contratação introduzidas pelas reformas trabalhistas no mundo. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, [S.l.], n. 248, p. 578-607, dez. 2019.
- FONTANARI, Rodrigo. “Não há nada de proustiano em uma fotografia....” – sobre A câmara clara. In: **Revista Línguas & Letras**, Unioeste, v. 15, n. 30. 2º Sem/2014.
- FRAGA, César. Como a pesquisa acadêmica ajuda o movimento dos entregadores de aplicativos. **Extra Classe**. Disponível em <https://www.extraclasse.org.br/educacao/2020/08/pesquisa-movimento-entregadores-aplicativos/>. Acesso em 25/08/2020, às 19h44.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.
- KALLEBERG, Arne L.. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. **Revista brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 24, n. 69, p. 21-30, fev. 2009.
- LOREIRO, Isabel (Org.). **Rosa Luxemburgo e o protagonismo das lutas de massa**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- SANTANELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- SIMESP - Sindicato dos Médicos de São Paulo. **Perfil Oficial do @simesp\_medicos**. Acesso em 24/08/20, às 16h24.
- SCHNERONK, Alice Ruiz; FILHO, Arnaldo. **Letra de Socorro**. Álbum Um Som. © Warner Chappell Music, Inc, Warner Chappell Music Inc, 1998.